

# PERMANÊNCIA E ERRÂNCIA EM CONSOLAÇÃO ÀS TRIBULAÇÕES DE ISRAEL

Maria Teresa Nascimento  
(Universidade da Madeira)

1553 é o ano da publicação em Ferrara de *Consolação às Tribulações de Israel*. O livro, da autoria do judeu, Samuel Usque, inscreve-se num conjunto de obras de temática religiosa, cujas dimensões justificam plenamente a asserção de ser esta a vertente mais significativa do diálogo quinhentista português.

Não obstante a constatação de uma temática idêntica, diversas são as motivações e o contexto subjacentes a este tipo de literatura. Eminentemente apologéticas algumas obras, autocentradas num catolicismo incontroverso e inquestionável, (*Imagem da Vida Cristã* de Fr. Heitor Pinto, *Diálogos* de Fr. Amador Arrais, *Diálogo Espiritual* de Fr. Amador Torres) outras são ditadas por razões circunstanciais como a divulgação da fé cristã exigida pelo contacto com novas paragens e novas gentes (*Diálogo sobre a conversão do gentio* do Padre Manuel da Nóbrega), o impedimento ao avanço dos Turcos (*Desengano de Perdidos* de D. Gaspar de Leão) ou até mesmo contra os próprios judeus (*Diálogo contra o Talmud dos Judeus* de João de Barros). Assim, a publicação da *Consolação às Tribulações de Israel* vem representar a outra face da cristandade perseguida e dar-lhe voz através da interminável diáspora dos séculos.

Não figura, ao que sabemos, a *Consolação às Tribulações de Israel* entre as diversas obras proibidas pelo Index português, o mesmo já não acontecendo relativamente a Espanha em cujo Índice Expurgatório de António de Sotto Maior, publicado em Madrid, em 1640, ela faz a sua aparição<sup>1</sup>. A publicação da obra em Itália, lugar que representara, durante algum tempo, uma certa acalmia e tranquilidade nas perseguições que, por todo o lado, se infligiam aos judeus, não seria óbice à proibição da leitura, porquanto a censura não conhecia fronteiras. Quaisquer que tenham sido as razões, os exemplares que chegaram até hoje são escassos e raros, e da época não encontramos ainda, nem notícias da proibição nem da circulação do texto em Portugal, não obstante a língua veicular, como no-lo justifica o autor no Prólogo, ser o português:

"Alguns senhores quiseram dizer antes que soubessem minha razão, que fora melhor haver composto em língua castelhana, mas eu creio que nisto não errei, porque sendo o meu principal intento falar com Portugueses e representando a memória deste nosso desterro buscar-lhe por muitos meios e longo rodeio algum alívio aos trabalhos que nele passámos, descon-

<sup>1</sup> Cf. Samuel Usque, *Consolação às Tribulações de Israel*. Coimbra, França Amado-Editor, 1906, com revisão e prefácio de Mendes dos Remédios, pp. XXVIII-XXIX

veniente era fugir da língua que mamei e buscar outra prestada para falar aos meus naturais.<sup>2</sup>

Desde logo eis também exposto o intento da obra - a mitigação das amarguras do povo de Israel, dos portugueses de Israel - e justificado plenamente o seu título, bem como, se assim quisermos, o modo de expressão escolhido - o diálogo que, pela sua ductilidade, se afigurava desde a Antiguidade Greco-Latina como um meio de comunicação agradável, não ignorando, decerto, Samuel Usque as possibilidades que através dele tinha de abranger um público mais vasto.

Pelo modo de expressão, pois, esta obra inscreve-se numa matriz cultural que, nascida na Antiguidade, se revivifica no Renascimento.

Também do ponto de vista estrutural, os diálogos usquianos relevam de algumas semelhanças com o que se tinha vindo, de alguma forma, a converter em lugar-comum, de ecos ciceronianos do género, a saber, a partição da obra, assente em pausas no discurso, sob o pretexto do repouso natural, requerido pela transição do dia para a noite. Mas, contrariamente à convencionalidade do *locus amoenus* ciceroniana, em Samuel Usque, ele é intrínseco à especificidade das próprias personagens e confere-lhes maior verosimilhança, enquanto prolongamento da sua própria identidade.

Concretizando, Jacob, Naum e Zacarias, transfigurados nas personagens de Icabo, Numeo e Zicareo, segundo informação do Prólogo, dão voz a disfarçados pastores, de ressonâncias bucólicas, que, pontualmente na transição de um diálogo para outro deixam aflorar as suas preocupações pelo quotidiano, traduzidas na busca de pastos viçosos, no temor dos lobos, na protecção dos rebentos ainda tenros. Veja-se a título de exemplo o início do *Diálogo Terceiro*.

"Nu, Zi, bons dias Icabo. Nu, nós nos levantámos esta madrugada mais cedo do que tu cuidas, porque nossos rafeiros sentiram lobos e começaram de os correr de sorte que nos foi forçado acudir, e Deus, graças não nos hão feito mal nenhum, antes segundo me parece um deles foi bem mordiscado (...) Ora queres que nos recolhamos com o nosso gado a uma várzea que aqui debaixo deste recosto jaz, muito viçosa e abundante de águas para que deitados ali debaixo de um verde álamo, vendo pascer as ovelhas continuemos nosso razoamento."<sup>3</sup>

Mas a funcionalidade do *locus amoenus* excede, nesta obra, a pura delimitação do espaço ficcional dos interlocutores, passando então a significar mais do que um lugar, um tempo.

Cronologicamente balizado entre a afirmação orgulhosamente assumida da eleição do povo judaico e a diáspora, ainda não terminada à data de redacção do texto, *A Consolação às Tribulações de Israel* situar-se-á entre dois pólos: o da nostálgica recordação da permanência e o da constatação de uma errância infinda e atribulada, entre a consciência de perda e o desejo incessante e doloroso de recuperação do bem.

Os diálogos vão então progredindo à custa daquilo a que Northrop Frye<sup>4</sup>, na análise que faz da Bíblia, chama de curva em U, isto é: plenitude, tribulação, consolo, para logo após se retomar o primeiro elemento do ciclo e assim sucessiva-

<sup>2</sup> "Prólogo", p. V Citamos a *Consolação*, através da edição de Mendes dos Remédios, tendo procedido à modernização da grafia.

<sup>3</sup> *idem*, *Diálogo III*, p. I.

<sup>4</sup> Northrop Frye, *Le Grand Code*, Paris, Seuil, 1984, p.189.

mente. Esta estrutura compositiva, que aqui reconhecemos, não se nos afigura estranha se tivermos em linha de conta o facto de o texto que estudamos ter raízes bíblicas às quais vai buscar muitos dos seus fundamentos para a reconstituição do percurso do povo judaico, através dos tempos.

Icabo, a quem caberá o relato das sucessivas tribulações de Israel, inicia a obra com um longo monólogo plangente. Interpelado por Numeo e Zicareo, procederá à justificação do seu pranto, retomando analepticamente toda a história do povo israelita.

Numa primeira fase, *A Consolação* norteia-se por um paradigma de ordem essencialmente metafórica assente na relação pastor/ovelhas de ressonância bíblica.

Numa belíssima descrição do modo de vida pastoril dos primeiros tempos que aqui não transcrevemos, sob pena de nos alongarmos, confluem ao texto, profusamente, todos os elementos que configuram como míticos este espaço e este tempo. A natureza assume com toda a pujança o viço dos vales e arvoredos (álamos e freixos); o murmúrio das fontes faz coro com o canto dos pássaros e dos pastores, entretidos em alegres jogos, com as suas melodiosas flautas e rabecas. A alimentação, de reminiscências bíblicas, é de mel e leite<sup>5</sup>.

A harmonia, a plenitude, a serenidade, a beleza, a simplicidade, encontram expressão nos muitos adjectivos que acompanham a descrição ("graciosas", "simples", "sereno", "doce", "pacífico", "sossegado", "fresco e deleitoso", etc.) e justificam que Icabo afirme que "alegre me gozava", nesta Idade do Ouro.

Porque efémero, embora plenamente vivido, o tempo de permanência é aquele que ocupa um espaço significativamente menor em toda a obra, confinado a breves páginas no *Diálogo I*, porventura as de maior beleza, nelas se descrevendo ao pormenor os primitivos tempos do povo eleito entregue à pastorícia.

E a pontuar esta época, querendo aprisioná-la na memória para todo o sempre, Icabo opta pelo pretérito imperfeito e pelo gerúndio.

O povo israelita não soube agradecer as benesses recebidas e, cansado da vida de pastorícia, influenciado por hábitos gentílicos, viria a trocar o modo de vida pastoril, primeiro, pela caça de coelhos e lebres, estigmatizada pelo *Levítico* e pelo *Deuterónimo* porque impura, depois, pela de cervos, símbolo das mudáveis gentes.

Ouçamos Icabo:

"Levantou-se destes próprios meus filhos dali a alguns anos, uma companhia de péssimos pastores, que não se curando do gado o deixavam pascer ervas peçonhentas, e beber águas amargas, e eles tomavam outra vida áspera e gentia, caçando e perseguindo animais silvestres<sup>6</sup>."

A partir deste momento está iniciada uma mudança que não mais tornará possível o regresso à Idade do Ouro porque a desobediência deverá ser punida, "obrigadas que estão todas as criaturas ao castigo no momento em que fazem o pecado, diz-Numeo<sup>7</sup>"

<sup>5</sup> *Diálogo I*, pp. III-VI

<sup>6</sup> *idem*, p.VI

<sup>7</sup> *Diálogo III*, p.XLVII

E ainda Icabo: "E agora (Ó piedosos irmãos porque como Adão no paraíso terrestre desobedeci, desamparei o Senhor, veia das águas vivas, subindo do deserto, o vento oriental secou minha veia e fonte, arrebatou os tesouros de todos meus nobres ornamentos, e deixou-me qual me vedes aqui despojado e nu de todos os bens que possuía, trocada toda minha alegria em tristeza, e os que já sóiam ser floridos e aprazíveis vales, de tristonhas e peçonhentas ervas se cobriram, os lugares sombrios de arvoredos com a doce consonância das aves, em arenosos desertos e morada de feras andam espantosamente rugindo se converteram, pois como não farei sentimento?"

Afinal, tudo fora profetizado, incautamente escutado, e cada uma das profecias, retomadas por Icabo serve agora já só de irremediável confirmação.

Anunciam-se, assim, tempos disfóricos amargamente vividos ao longo de várias eras. Visualizamos a destruição da 1ª e 2ª casa, escutamos longas listas de abominações e iniquidades da maior parte dos reis de Israel e Judá, de idolatrias sem fim, copiadas de gentes vizinhas.

Relatos de miséria, de aniquilações, de carnificinas, de cativeiros, muitas vezes apontados aos milhares - "(vi (...) 12 mil ovelhas engolidas dos animais damascenos; vi 18 mil cordeiros num dia miserável rendidos em redor dos muros de Escalom (...) Vi no caminho de Giscala e Jerusalém as armas romanas tintas no sangue de 5 mil cordeiros; (...) Vi pelos Edumeus mortos 20500 israelitas; vi 700 ovelhas em Gualadim despojadas de suas vidas e bens; (...) Vi o rio Jordão correr em sangue de 13000 cordeiros israelitas degolados"\*) - acompanham outras tantas errâncias constantemente renovadas, porque a expiação ditada pela vontade divina assim o determina.

Confirmamos, deste modo que, do ponto de vista semântico, a errância deriva de erro e com ele se encontra intrinsecamente ligado. O erro, o pecado, são corolários de uma punição, traduzida na maior parte das vezes, numa errância de lugar para lugar, como no caso dos remotos cativeiros de Egipto e Babilónia, ou mais tardiamente, por todo o universo, e também perspectivam os dois termos uma incapacidade de fixação no direito caminho do bem e, por isso, o percurso do povo israelita terá de ser o da errância na busca de tal prossecução, ela só, capaz de lhe assegurar a quietude e plenitude.

O discurso de Icabo representa, pois, ao longo de toda a obra, a evolução, através dos tempos, do povo israelita, com as suas breves glórias e as suas grandes misérias. Entremeado de veemente libelo às nações mais recentemente constituídas, o Diálogo III retrata agora as alegadas injustiças, de entre as quais avulta o estabelecimento da Inquisição, em Espanha e Portugal, cometidas contra o povo judaico, espalhado pelas mais diversas partes do universo.

Pelo forte pendor sugestivo, julgamos dever aqui transcrever, um extracto da descrição da máquina devoradora da Inquisição:

"(...) fizeram vir de Roma um fero monstro de forma tão estranha e tão espantosa catadura que só de sua fama toda a Europa treme, seu corpo é de áspero ferro com mortífero veneno amassado, com uma duríssima concha coberto de bastas esca-

\* *Diálogo I*, p. XII

\* *Diálogo I*, pp. XVII-XVIII

mas de aço fabricada, mil asas de penas negras e peçonhentas o levantam de terra e mil pés danosos e esmagadores o movem, sua figura daquela do temeroso leão toma parte e parte da terrível catadura das serpes dos desertos de África: a grandeza dos seus dentes aqueles dos mais poderosos elefantes arremedam(...) Dos olhos e boca contínuas chamas e labaredas de consumidor fogo lhe saem, o pasto de que se ceva é outro com corpos humanos amassado, precede a águia na ligeireza do seu voar, mas por onde passa faz com a tristonha sombra, cerção, por mais claro que o sol naquele dia se mostre (...)”<sup>10</sup>.

Grande é o efeito visual de algumas das páginas da *Consolação*. Para ele concorre, entre outros elementos, a frequente utilização do verbo ver (ainda há pouco o citávamos), ao serviço da enumeração dos múltiplos lugares de latrocínios. Para além da admirável simetria trazida ao discurso renascentista usquiano, transforma-se Icabo em testemunha omnipresente e as suas vivências projectam-se em gemidos interjectivos, lamentos infundáveis, a que só a resposta aos apelos à misericórdia divina, que tanto tarda, poderá pôr cobro, porque nem da graça do repouso, a todas as criaturas concedida, poderá Icabo gozar-se: “Natural é a todas as cousas criadas fazer mudança; senão Israel, que seu infelicidade estado jamais varia nem se abala.”

De que forma se constitui, então, esta obra como consolação ao povo de Israel?

A alma e o corpo de Icabo estão feridos, chagados e precisam de uma mezinha ou um unguento que os sare e, por isso, ao longo de toda a obra eles são implorados e piedosamente administrados.

Já em momento adiantado do *Diálogo III*, diz Numeo:

“Choradas que havemos já estas chagas, tendo-as bem sangrentas, como o cirurgião as quer para lhes aplicar uma mezinha, tempo é que busquemos o remédio e consolo para todas elas, pois somos aqui vindos a esse fim(...)”<sup>11</sup>

As mezinhas, dadas ao corpo e alma lazeradas, são as constituídas essencialmente pelas palavras de Numeo e Zicareo: “O nome de Numeo é derivado de Nahum consolador que é o efeito que ele faz nesta obra e Zicareo de Zacarias que lembra os bens que recebeu Israel em desconto de seus males e as vinganças que para amor dele foram feitas”<sup>12</sup>

Após a enunciação, por Icabo, de cada ciclo de provações segue-se o respectivo consolo. A Zicareo caberá lembrar como o Senhor sempre usou da sua infinita misericórdia para com o seu povo, ainda que ele não o merecesse. “Lembra-te”, diz-lhe ele, por várias vezes, “não viste?” - pergunta-lhe outras.

Numeo dará significado a profecias esquecidas, que cumpridas, acabarão com o sofrimento e adquirem toda a sua razão de ser no *Diálogo III*, após o relato de Icabo.

Zicareo e Numeo fazem-se emissários do divino, amplificando a sua voz quando a do Senhor se substitui à deles.. Por momentos, o diálogo ganha em número de personagens, mas também em força expressiva, num processo sem transição, sem

<sup>10</sup> *Diálogo III*, p. XXVI

<sup>11</sup> *idem*, p. XL

<sup>12</sup> *idem*, p. XLVIII

<sup>13</sup> *Diálogo I*, p. V

demarcação. A fusão da voz do Senhor com as de Numeo ou Zicareo torna a destas últimas mais autorizadas e, embora perdendo em autonomia, emprestam corpo à palavra do Criador.

Vejamos um destes passos:

"O Espírito do Senhor"<sup>14</sup> sobre mim é, porque ele me ungiu para que cousas alegres anuncie aos mansos (...) Assim que pela vossa pena padecida, recebereis o prémio dobrado, e pera sempre sereis alegria, porque eu o Senhor amator da justiça desamo o roubo no sacrificio: tornarei a sua obra de teus filhos firme, e pacto sempiterno talharei com eles no meio dos povos, e todos os que os então virem conhecerão que é semente a quem o Senhor bendisse: assim como agora os notam por malditos por seu pecado.<sup>15</sup>

Verifique-se como, subitamente, sem transição, se passou do discurso indirecto, da citação, à tomada da palavra directa. O Senhor, de referente, converte-se em emissor, numa prova inequívoca de que, nunca abandonou o seu povo. Nisso, sempre foram insistindo Zicareo e Numeo, porta-vozes do divino, quer na admoestação, quer na tomada de consciência do pecado cometido, presentificado pela memória, quer ainda pela mitigação da dor. Nos vários casos, fazem-se convergir dois eixos temporais: o passado e o presente e, por mais estranho que possa parecer, a palavra profética fica indissociavelmente ligada a ambos. Senão, vejamos.: a profecia, ligada ao passado, faz-se confirmação, cumprimento, prova da incomensurabilidade do poder divino.

Mas o que o Diálogo III pretende, na sua dimensão mitigadora, optando por formas verbais futuras e optativas, enquanto conclusão, é que a profecia, prolepse, retome a sua verdadeira dimensão de anterioridade discursiva e se converta em tempo expectante, projecção de desejos, mas também de reingresso num caminho encetado nos primórdios dos tempos. A profecia servirá, não apenas o encerrar dum ciclo de sofrimento, como ainda a abertura a um tempo sem tempo, sem confinação de limites, tempo de plenitude, de encontro do povo disperso em comunhão com Deus. Tempo permanente e imutável, onde não haverá mais lugar para errância.

E a conclusão da obra é manifestamente diversa da da sua abertura, então em lamento, eco de vivências dolorosas.

Icabo não deverá nunca mais amaldiçoar o dia em que nasceu, numa prosa que, como bem notou Pina Martins tem semelhanças<sup>16</sup> com o soneto camoniano, não ao que cremos por efeito da subordinação directa de um destes textos ao outro, mas antes, pelo hipotexto comum constituído pelo *Livro de Job*. (Job 2-3) "Pereça o dia em que nasci (...) Converta-se esse dia em trevas", etc. etc.

O *Diálogo III* acaba em alegria, na convicção de que o sofrimento e errância serão agora efémeros. De longa duração, doravante, só a felicidade eterna. O Salmo que Icabo é exortado a entoar é um salmo de Sião, de esperança, repassado como grande parte da obra, de profundo lirismo:

<sup>14</sup> O sublinhado é nosso.

<sup>15</sup> *Diálogo III*, p. LXII

<sup>16</sup> "Há, até, no pranto, sugestões verbais que dir-se-ia terem inspirado versos ou fragmentos poéticos de um soneto célebre de Camões". Samuel Usque, *Consolação às Tribulações de Israel*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, com textos introdutórios por Yosef Hayim Yerushalmi e José V. de Pina Martins vol. I, p.167

"(...)Encheremos nossa boca de riso  
Nossa língua de música e alegria  
E nas gentes se andará dizendo  
Grandes maravilhas fez o Senhor com estes  
E nós assim decerto o confessamos  
Que grandes bens nos há feito o Senhor  
Com os quais, de descontentes e tristes  
Dos males que fomos padecendo  
Mui alegres já agora nos tornamos  
Vitoriosos e cheios de louvor  
(...)  
FINIS LAUS DEO."<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> *Diálogo III*, p. LXXIX